

## GEOTURISMO: UM SEGMENTO TURÍSTICO?

Lilian Carla Moreira Bento<sup>1</sup>

Mayara Ferreira de Farias<sup>2</sup>

Marcos Antonio Leite do Nascimento<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo central desta pesquisa era reunir alguns trabalhos, nacionais e internacionais, que tratam sobre o Geoturismo para que se pudesse chegar a uma conclusão sobre o significado mais condizente para o referido termo. Especificamente, buscou-se: compreender sobre Segmentação do turismo; refletir sobre o Geoturismo em seu contexto histórico; relacionar os conceitos de Geodiversidade e Geoturismo; compreender e diferir as abordagens direcionadas aos conceitos de Ecoturismo e Geoturismo; pontuar sobre questões relacionadas aos produtos geoturísticos e tipos de geoturistas. Para tal, optou-se por realizar um estudo com abordagem qualitativa com utilização de levantamento e análise bibliográfica de textos nacionais e internacionais. Ao final, pode-se concluir que, o ideal é que o Geoturismo e o ecoturismo, bem como outros, possam ser ofertados, quando possível, em um único produto turístico, oportunizando uma visão holística da realidade, influenciando e sensibilizando um número maior de turistas sobre a relevância e necessidade de se conservar todo e qualquer tipo de patrimônio.

**Palavras-chave:** Conceitos. Ecoturismo. Geoturismo. Segmentação. Turismo.

### 1 Introdução

A prática que compõe o geoturismo moderno é antiga, contudo, sua conceituação é recente. Todavia, nota-se que “o debate carece de um arcabouço epistemológico do Turismo, pois os principais teorizadores são formados em outras áreas de conhecimento,

<sup>1</sup> Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2003), dedicou-se ativamente aos estudos durante a graduação, participando de programas de bolsas de pesquisa científica como o PET e FAPEMIG, posteriormente, ministrou aulas para Educação Básica. Especialista em Gestão Ambiental pela Faculdade Católica de Uberlândia (2007), mestre e doutora em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia, trabalhando com a temática: Geoturismo, geodiversidade e geoconservação. Em 2015, fez o estágio de Pós-Doutorado em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, com a pesquisa intitulada "Geodiversidade do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba: Uma proposta de catalogação, valorização e divulgação", aprofundando na temática trabalhada na pós-graduação. Atualmente é docente do Curso de Geografia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO-UFU) e coordenadora do Laboratório de Geologia, local onde tem desenvolvidos projetos na mesma temática trabalhada na pós-graduação, usando como área de estudo o município de Ituiutaba-MG. CV: <http://lattes.cnpq.br/4189769618742873>. E-mail: [liliancmb@ufu.br](mailto:liliancmb@ufu.br).

<sup>2</sup> Doutoranda, Mestre e Bacharel em Turismo pela UFRN. CV: <http://lattes.cnpq.br/9575612347701759>. E-mail: [mayaraferreiradefarias@gmail.com](mailto:mayaraferreiradefarias@gmail.com).

<sup>3</sup> Graduado em Geologia pela UFRN, com mestrado (2000) e doutorado (2003) em Geodinâmica pela UFRN. Professor Associado I do Departamento de Geologia da UFRN. CV: <http://lattes.cnpq.br/5356037408083015>. E-mail: [marcos@geologia.ufrn.br](mailto:marcos@geologia.ufrn.br).

especialmente em Geologia e Geografia, que às vezes exploram de forma incipiente os conceitos fundantes do Turismo” (Coutinho, Urano, Mate & Nascimento, 2019, p. 756). Ruchkys, Mansur e Bento (2017), por exemplo, fizeram um estudo e diagnosticaram uma crescente produção acadêmica brasileira em nível de mestrado e doutorado nos temas geodiversidade, patrimônio geológico, geoconservação e Geoturismo<sup>4</sup>. Inclusive, nessa pesquisa, foi detectado que o tema com maior número de ocorrências foi, justamente, o Geoturismo, seguido do patrimônio geológico, geodiversidade, geoconservação e geoparque.

Em grande número de publicações brasileiras sobre o Geoturismo, percebe-se uma falta de consenso e/ou homogeneidade do conceito. Em alguns trabalhos o mesmo é considerado um segmento turístico<sup>5</sup>, em outros como subsegmento do ecoturismo e tal realidade desencadeia a necessidade de se aprofundar nessa temática, buscando esclarecer de vez essa questão.

O objetivo deste trabalho era reunir alguns trabalhos, nacionais e internacionais, que tratam dessa temática para que se possa chegar a uma conclusão sobre o significado mais condizente para o Geoturismo. De forma específica, procurou-se: compreender sobre Segmentação do turismo; refletir sobre o Geoturismo em seu contexto histórico; relacionar os conceitos de Geodiversidade e Geoturismo; diferir as abordagens direcionadas aos conceitos de Ecoturismo e Geoturismo; pontuar sobre questões relacionadas ao produto geoturístico e aos tipos de geoturistas. Se tratou, pois, de um estudo com abordagem qualitativa, ao ponto que a metodologia empregada envolveu, de modo geral, o levantamento e análise de bibliografia.

Como forma de melhor ilustrar os procedimentos metodológicos utilizados na presente pesquisa, foi elaborado o seguinte quadro:

---

<sup>4</sup> [...] as características apontadas pelos teóricos do geoturismo - recurso geológico, aquisição de conhecimento, estruturas e serviço de interpretação, geoconservação e benefícios locais -, estão ancoradas, por um lado, na perspectiva teórica e mercadológica da atividade turística por meio da estruturação dos segmentos e suas motivações, conciliando os interesses pelo e para o turismo com condições básicas para satisfazer as necessidades dos turistas, e por outro lado, na perspectiva do desenvolvimento sustentável que passou a repercutir em diversos âmbitos englobando conceitos de conservação ambiental, eficiência econômica e equidade social que não são exclusivos do geoturismo (Coutinho, Urano, Mate & Nascimento, 2019, p. 766).

<sup>5</sup> [...] o geoturismo como um segmento da atividade turística que busca de forma sustentável utilizar o patrimônio geológico como seu principal recurso turístico, promovendo a aquisição de conhecimento e conservação. Ressalta-se que a promoção da equidade social, eficiência econômica e conservação ambiental é condição sine qua non para o desenvolvimento sustentável e, portanto, para a prática do turismo e seus segmentos (Coutinho, Urano, Mate & Nascimento, 2019, p. 768-769).

**Quadro 1.** Desenho metodológico.

Objetivos Específicos	Variáveis	Teoria	Técnica de Coleta	Análise dos dados
Compreender sobre Segmentação do turismo	Segmentação	“2 Entendendo a Segmentação do Turismo”	Pesquisa bibliográfica	Tabulação, interpretação e análise dos dados coletados
Refletir o Geoturismo em seu contexto histórico	Histórico do Geoturismo	“3.1 Abordagem histórica sobre o Geoturismo”	Pesquisa bibliográfica	Tabulação, interpretação e análise dos dados coletados
Relacionar os conceitos de Geodiversidade e Geoturismo	Geodiversidade Geoturismo	“3.2 Interface entre Geodiversidade e Geoturismo”	Pesquisa bibliográfica	Tabulação, interpretação e análise dos dados coletados
Diferir as abordagens direcionadas aos conceitos de Ecoturismo e Geoturismo	Ecoturismo Geoturismo	“3.3 Geoturismo e Ecoturismo: compreendendo os conceitos”	Pesquisa bibliográfica	Tabulação, interpretação e análise dos dados coletados
Pontuar sobre questões relacionadas à produto geoturístico e tipos de geoturistas	Produto geoturístico Geoturistas	“3.4 Produto geoturístico” “3.5 Tipos de geoturistas”	Pesquisa bibliográfica	Tabulação, interpretação e análise dos dados coletados

Fonte: Os autores, 2020.

Para além do quadro metodológico disposto acima, foram elaborados os quadros seguintes, que ilustram as principais obras/textos lidos, interpretados e analisados como forma de compreender a teoria que fundamenta esta pesquisa:

**Quadro 2.** Livros e Capítulos analisados.

Obra/Texto	Autoria	Ano de publicação	Categoria
Geoturismo e interpretação ambiental	Moreira, J.C.	(2011)	Livro
Patrimônio geológico e geoconservação – a conservação da natureza na sua vertente geológica	Brilha, J.	(2005)	Livro
Ecoturismo no Brasil – possibilidades e limites	Rodrigues, A.B.	(2003)	Livro
Fundamentos do Turismo	Aguiar, M.R., & Dias, R.	(2002)	Livro
Ecoturismo	Fennel, D.A.	(2002)	Livro
Patrimônio geológico: turismo sustentável	Nascimento, M.A., Schobbenhaus, C., & Medina, A.I.M.	(2009)	Cap. de livro
Geoturismo – uma abordagem emergente	Rodrigues, J.C.	(2008)	Cap. de livro
Ecoturismo	Mourão, R.M.F.	(2004)	Cap. de livro
Interpretação ambiental e geoturismo em Fernando de Noronha	Moreira, J. C., & Bigarella, J.J.	(2008)	Cap. de livro
A educação pelas pedras	Serrano, C.	(2000)	Cap. de livro

Fonte: Os autores, 2020.

**Quadro 3. Artigos analisados.**

Obra/Texto	Autoria	Ano de publicação
Roteiro Geoturístico pelo Cemitério da Consolação, São Paulo	Kuzmickas, L., & Del-Lama, E.A.	(2015)
Geoturismo no Parque Estadual do Ibitipoca/MG (PEI): potencialidades e limitações	Bento, L.C.M., & Rodrigues, S.C.	(2014)
Parque Estadual do Ibitipoca/MG: potencial geoturístico e proposta de leitura do seu geopatrimônio por meio da interpretação ambiental	Bento, L.C.M.	(2014)
Interpretação ambiental, aspectos geológicos e geomorfológicos	Moreira, J.C.	(2012)
Geoturismo urbano – educação e cultura.	Liccardo, A., Mantesso-Neto, V., & Piekarz, G.F.	(2012)
Usando o patrimônio geológico para atrair turistas para o geoturismo no Brasil (Paraná) e Espanha (Aragón)	Moreira, J. C., & Meléndez-Hevia, G.	(2012)
Oficinas de sensibilização para conservação de sítios geológicos do Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais, Brasil	Ruchkys, U., Machado, M.M.M.	(2012)
Geoturismo: estratégia de geoconservação e de desenvolvimento local	Lopes, L.S.O., Araújo, J.L., & Castro, J.F.	(2011)
Geodiversidade e Potencial Geoturístico do Salto de Furnas - Indianópolis-MG	Bento, L.C.M., & Rodrigues, S.C.	(2011)
Geoturismo aliado a painéis interpretativos: uma proposta para o Buraco do Padre, Ponta Grossa (PR)	Luz, F.G., & Moreira, J.C.	(2010)
Trilhas interpretativas como instrumentos de geoturismo e geoconservação: caso da Trilha do Salto São Jorge	Folmann, A.C., Pinto, M.L.C., & Guimarães, G.B.	(2010)
Patrimônio geológico do Vale do Minho e a sua valorização geoturística	Rodrigues, M., & Pereira, D.	(2009)
Contributo do patrimônio geomorfológico para a oferta turística do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PANC)	Silva, L., Pereira, D., & Torres, M.M.	(2009)
Educação ambiental para o ecoturismo nas unidades de conservação: um nexó ontológico	Ramos, L.M.J., & Oliveira, S.F.	(2008)
Geoturismo: uma proposta teórico-metodológica a partir de um estudo de caso do município de Apucarana-PR	Manosso, F.C.	(2007)
Geoturismo: um novo segmento do turismo no Brasil	Nascimento, M.A., Ruchys, U.A., & Mantesso-Neto, V.	(2007)
Roteiro geológico pelos edifícios e monumentos históricos do centro da cidade de São Paulo	Stern, A.G., Riccomini, C., Fambrini, G.L., & Chamani, M.A.C.	(2006)
Contribuição para a valorização e divulgação do patrimônio geológico com recurso a painéis interpretativos: exemplos em áreas protegidas do NE de Portugal	Dias, G., Brilha, J. B., Alves, M. I. C., Pereira, D. I., Ferreira, N., Meireles, C., Pereira, P., & Simões, P. P.	(2003)

Fonte: Os autores, 2020.



**Quadro 4.** Textos internacionais analisados.

Obra/Texto	Autoria	Ano	Categoria
<i>Patrimonio geológico y geodiversidad: investigación, gestión y relación con los espacios naturales protegidos</i>	Urquí, L.C., Martínez, J.L., & Valsero, J.J.D.	(2007)	Livro
<i>Interpreting Our Heritage</i>	Tilden, F.	(1957)	Livro
<i>European "Geotourism" – geological interpretation and geoconservation promotion for tourists</i>	Hose, T.A.	(2000)	Capítulo de Livro
<i>Geoturismo europeo. Interpretación geológica y promoción de la conservación geológica para turistas</i>	Hose, T.A.	(2000)	Capítulo de Livro
<i>Geotourism's global growth</i>	Dowling, R.K.	(2011)	Artigo
<i>What do we mean when we say geotourism?</i>	Meléndez, G., Fermeli, G., Escorihuela, J., Basso, A., & Moreira, J.	(2011)	Artigo
<i>Valuing geodiversity</i>	Gray, M.	(2011)	Artigo
<i>La conservación de la naturaleza debe incluir la geodiversidad y el patrimonio geológico como parte del patrimonio natural</i>	Martínez, E.D., Guillén-Mondéjar, F., Perrelló, J.M.M., & Bové, S.	(2008)	Artigo
<i>Geodiversity and Geoconservation: what, why, and how?</i>	Gray, M.	(2005)	Artigo
<i>GEOdiversity</i>	Stanley, M.	(2000)	Artigo
<i>Urban Geotourism and the Old Centre of São Paulo City, Brazil</i>	Del Lama, E. A., Bacci, D. de L. C., Martins, L., Garcia, M. G. M., & Dehira, L. K.	(2015)	Artigo

Fonte: Os autores, 2020.

**Quadro 5.** Tese, Dissertações e Monografias analisadas.

Obra/Texto	Autoria	Ano	Categoria
Patrimônio geológico em Unidades de Conservação: atividades interpretativas, educativas e geoturísticas	Moreira, J.C.	(2008)	Tese
Interpretação do patrimônio geológico: uma aplicação ao Geoparque Arouca	Pacheco, J.L.	(2012)	Dissertação
Potencial geoturístico das quedas d'água de Indianópolis	Bento, L.C.M.	(2010)	Dissertação
A interpretação ambiental como instrumento de diversificação das atividades recreativas e educativas das Trilhas do Jardim Botânico Benjamim Maranhão (João Pessoa, Paraíba, Brasil)	Oliveira, S.C.C.	(2010)	Dissertação
As trilhas interpretativas e sua relevância para promoção da conservação. Trilha do Jequitibá, Parque Estadual dos Três Picos (PETP), RJ	Ikemoto, S.M.	(2008)	Dissertação
A paisagem do Quadrilátero Ferrífero-MG: Potencial para o uso turístico da sua geologia e geomorfologia	Silva, F.R.	(2007)	Dissertação
Geoturismo: conceptualização, implementação e exemplo de aplicação ao Vale do Rio Douro no Setor Porto-Pinhão	Araújo, E.L.S.	(2005)	Dissertação
Faces de paisagem: interpretação para valorização do Geoturismo no Parque Estadual Serra do Rola Moça – MG	Fonseca, C.O.	(2010)	Monografia
Patrimônio Geológico do Centro Histórico de Natal	Carvalho, H.L.	(2010)	Monografia
Ecoturismo na Serra do Caraça: contribuições da interpretação para a conservação ambiental	Machado, A.C.A.R.	(2008)	Monografia

Fonte: Os autores, 2020.

Justifica-se a escolha da realização deste estudo teórico, por conseguinte, por acreditar que os resultados expostos possam elucidar a problemática levantada e servir de referência para novos estudos por pesquisadores da área, seja em nível de graduação ou pós-graduação. Diante disso, elencou-se a seguinte questão problema: o Geoturismo pode ser considerado um segmento?

E, como forma de melhor organizar o texto, iniciou-se com a exposição da presente introdução, contemplando os objetivos do estudo, questão problema, justificativa e breve contextualização da temática em tela. Sequencialmente, foram apresentadas discussões e levantamentos sobre a Segmentação do Turismo. Depois, foram realizadas reflexões sobre o Geoturismo ao que concerne à sua abordagem histórica, considerações sobre sua interface com a Geodiversidade, bem como foram feitas as diferenciações e comparações com o Ecoturismo, além de contemplar questões relacionadas com produto geoturístico e com os tipos de geoturistas. Ao final, foram dispostas as considerações seguidas das referências utilizadas para o embasamento teórico deste estudo.

## 2 Entendendo a Segmentação do Turismo

O turismo emerge no século XXI como uma das atividades do setor terciário que mais cresce em todo mundo, com grande repercussão econômica e sofrendo vasta diversificação nas últimas seis décadas (OMT, 2014; OMT, 2018), estando, segundo relatório da *Euromonitor International*, entre as tendências globais de consumo em 2019 (Sampaio, 2019). Com a evolução e modificação contínua do “turismo na pós-modernidade, percebe-se cada vez mais a segmentação no turismo, considerando as interpretações das tendências da demanda relacionando com o que o destino dispõe, surgindo diversas nomenclaturas” (Coutinho, Urano, Mate & Nascimento, 2019, p. 763).

Essa diversificação da atividade acaba demandando a criação de segmentos variados para se atingir um público maior, especializado e cada vez mais exigente. De acordo com a EMBRATUR (2008) “[...] a segmentação deve ser entendida como uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado” e Ansarah (2001) citado por Aguiar e Dias (2002, p. 29), acrescenta que essa “[...] segmentação possibilita o conhecimento dos principais destinos geográficos, dos tipos de transporte, da composição demográfica dos turistas e da situação social e estilo de vida, entre outros elementos” (Bento, 2010, não paginado). O Ministério do Turismo reforça a importância da segmentação turística, esclarecendo que

[...] não existe uma regra para o melhor posicionamento da oferta turística no mercado, mas sim a formatação de estratégias direcionadas para perfis específicos de público, por meio da criação e desenvolvimento de produtos condizentes com as potencialidades da região e com as motivações dos visitantes que se deseja atrair. Este é, portanto, o objetivo da segmentação no turismo: direcionar a produção turística, de acordo com a vocação do destino, de forma competitiva, focando o segmento de demanda que tem maior potencial de consumo dessa produção. Isso possibilita maior eficácia na oferta e maiores chances de sucesso (Brasil, 2010, não paginado).

A segmentação do turismo deve ser vista como uma forma de classificação que visa, em linhas gerais, tornar-se uma estratégia de ordenamento da atividade, com múltiplas possibilidades de segmentação do mercado turístico. As mais utilizadas são as baseadas na oferta (nas características do local) e na demanda (depende das especificidades dos consumidores).

O Ministério do Turismo (Brasil, 2010) argumenta que os segmentos turísticos podem ser estabelecidos a partir dos elementos de identidade da oferta e também das características e variáveis da demanda. Nesse sentido, é de suma importância as informações levantadas pelos inventários turísticos que são executados a partir da cooperação de diversas entidades, sendo coordenado pelo Ministério do Turismo com o apoio do Conselho Nacional de Turismo, dos Órgãos Oficiais de Turismo das Unidades Federais, dos Fóruns Estaduais de Turismo e todos com o amparo das Instituições de Ensino Superior (Brasil, 2006).

Esses inventários consistem, em síntese, no levantamento, identificação e registro da oferta turística (registro dos atrativos, dos serviços, equipamentos turísticos e infraestrutura de apoio ao turismo), bem como da demanda (perfil dos turistas e excursionistas), gerando informações imprescindíveis ao planejamento, gestão e promoção da atividade turística (Brasil, 2010).

A partir de 2006, com base na oferta turística, o Ministério do Turismo definiu alguns segmentos turísticos prioritários para desenvolvimento no Brasil: turismo cultural, turismo de estudos e intercâmbio, ecoturismo, turismo de esportes, turismo de pesca, turismo náutico, turismo de aventura, turismo de sol e praia, turismo de negócios e eventos, turismo rural e turismo de saúde (Brasil, 2010). Além disso, cabe inferir que,

O indivíduo não é mais um, são muitos, com diferentes identidades e interesses, e que na hora do consumo não pode ser classificado como único. Alguns destes segmentos estão estruturados tendo como recurso<sup>6</sup> o patrimônio geológico associado a diversas motivações, que em alguns momentos podem se complementar (Coutinho, Urano, Mate & Nascimento, 2019, p. 763).

Nesta perspectiva e, apesar dessa segmentação se basear na oferta turística, é premente que os planejadores conheçam também as características e variáveis da demanda. Além disso, apesar de os segmentos serem trabalhados individualmente no que concernem os aspectos de comercialização e divulgação, por exemplo, na realidade ocorre a confluência de um ou mais segmentos, mostrando que há interfaces entre eles. No caso dos segmentos que têm a natureza como principal atrativo, é normal a ocorrência de atividades comuns, como entre o turismo rural, o turismo de aventura, o ecoturismo, por exemplo (Bento, 2010).

---

<sup>6</sup> Os recursos físicos do planeta Terra identificados como minerais, afloramentos rochosos, fósseis, relevos, solos, entre outros, têm se revestido de capital importância para as geociências que buscam contar a história do Planeta e compreender a utilização destes recursos. A pluralidade de valores associados à geodiversidade tem despertado o interesse de especialistas de outras áreas de conhecimento, incluindo o turismo (Coutinho, Urano, Mate & Nascimento, 2019, p. 755).



### 3 Reflexões sobre o Geoturismo

#### 3.1 Abordagem histórica sobre o Geoturismo

Bento e Rodrigues (2014) trazem algumas considerações sobre o que vem a ser o geoturismo. Eles explicam que existe uma dificuldade de se mensurar quando e o porquê o mesmo surgiu, elucidando que esse termo começou a ser divulgado em meados da década de 1990, inicialmente nos países europeus. Sua elaboração é resultado dos esforços de Thomas Hose em dar destaque às ameaças que alguns geossítios da Inglaterra vinham sofrendo, em especial o *Peak District*, onde começaram as primeiras incursões (geo)turísticas no país.

Foi por meio de um estudo de interpretação ambiental em geossítios que o primeiro conceito de Geoturismo foi criado em 1995, mas posteriormente Thomas Hose o aprimorou mais duas vezes (Hose, 2000a; Hose, 2011). A definição mais atual destaca o potencial do Geoturismo para a proteção e conservação de geossítios a partir da promoção de sua interpretação, aliando apreciação, educação e pesquisa. A disseminação desse conceito, portanto, começou indiretamente com objetivos de geoconservação no Reino Unido, e hoje se encontra em processo de difusão (Nascimento, Ruchkys, & Mantesso-Neto, 2007); Moreira, 2008; Moreira, 2011; Hose, 2011).

Quanto à etimologia do termo, Bento e Rodrigues (2014) ainda explicam que existem algumas divergências quanto ao prefixo geo da palavra Geoturismo. Alguns o associam com geografia, relacionando-o um universo maior de atrativos, não ficando restrito apenas à vertente abiótica da natureza, esse é o caso da *National Geographic Society* e da *Travel Industry Association of America*. No geral, a maioria dos estudiosos considera que o seu diferencial é justamente direcionar o olhar para um aspecto da natureza que vem sendo negligenciado pelos demais segmentos: a geodiversidade/geopatrimônio (Nascimento, Ruchkys, & Mantesso-Neto, 2007; Reynard, 2008; Bento; Rodrigues, 2011).

#### 3.2 Interface entre Geodiversidade e Geoturismo

A geodiversidade é um termo que passou a ser utilizado por geólogos e geomorfólogos na década de 1990 para descrever a variedade do meio abiótico (Gray, 2005). De acordo com este autor é difícil precisar quando é que o mesmo foi referido pela primeira vez, mas provavelmente deve ter sido na Tasmânia (Austrália). Neste país, o termo geodiversidade foi utilizado por Sharples (1993), Kiernan (1994, 1996, 1997) e Dixon (1995, 1996a, 1996b) em estudos de conservação geológica e geomorfológica. Posteriormente, Sharples (2002) e a *Australian Heritage Commission* (2002) definiram geodiversidade como a diversidade de características, assembleias, sistemas e processos geológicos (substrato), geomorfológicos (formas de paisagem) e do solo.

Geodiversidade também é o título do artigo publicado por Stanley (2000) e foi adotado pela *Royal Society for Nature Conservation* do Reino Unido como título em seu relatório informativo de Ciência da Terra (*Geodiversity Update*), lançado em janeiro de 2001, sendo descrita como a “variedade de ambientes geológicos, fenômenos e processos



ativos que dão origem a paisagens, rochas, minerais, fósseis, solos e outros depósitos superficiais que são o suporte para a vida na Terra” (Stanley, 2000). Isto é, o “palco” no qual todas as outras formas de vida são os “atores”.

Bento (2014) considera que um dos principais objetivos do geoturismo é justamente a conservação da geodiversidade e um dos pilares para isso é disseminar a sua interpretação, seja através de meios personalizados ou não. A interpretação ambiental visa à sensibilização das pessoas de uma forma lúdica, através de linguagem acessível ao público leigo, de maneira a se oportunizar mudanças de comportamentos que induzam a atitudes pró-ambiente. Esta proposta segue a máxima criada por Tilden (1957), grande precursor da interpretação ambiental, “através da interpretação, a compreensão; através da compreensão, a apreciação e através da apreciação, a proteção” (Silva, 2007; Silva & Pereira; Torres, 2009; Fonseca, 2010; Pacheco, 2012; Moreira & Meléndez, 2012).

É importante esclarecer que, sendo a geodiversidade o atrativo principal do geoturismo, ele pode ocorrer tanto em áreas naturais quanto urbanas, podendo ser observada em alguns elementos como monumentos históricos (Monumento às Bandeiras/São Paulo; Monumento à Independência/São Paulo; Obelisco-Praça Sete/Belo Horizonte), arquitetura (cantaria, calçadas em mosaico) e aspectos geológicos-geomorfológicos especiais (Morro do Corcovado no Rio de Janeiro).

“A rocha [...] além de ser um testemunho da evolução natural da Terra, tornou-se também um importante registro das culturas que nos precederam” (Stern, Riccomini, Fambrini & Chamani, 2006 citados por Kuzmickas & Del-Lama, 2015, p. 4). Nesse sentido, o Geoturismo urbano caminha ao encontro de uma tendência do turismo moderno que é o aumento das visitas a monumentos históricos, sendo, ao mesmo tempo, uma forma de resgate da identidade cultural e de valorização dos aspectos da geodiversidade.

Liccardo, Mantesso-Neto e Piekarcz (2002) explicam que a realização do Geoturismo em áreas urbanas apresenta alguns aspectos positivos, tais como infraestrutura adequada, proximidade geográfica e acesso mais fácil, bem como tem sido uma área em ascensão em todo o mundo. Carvalho (2010) traz um apanhado de diversas pesquisas nas quais o foco foi o Geoturismo em áreas urbanas. Ainda segundo Carvalho (2010), no exterior se destacam os trabalhos de Robinson (1982), Robinson e Worssam (1989), Hose (1997), Hose (1995), Botelho e Silva (2004), Cachão e Silva (2004) e Silva, Pereira e Torres (2009). No Brasil, Carvalho (2010) ressalta, por conseguinte, os trabalhos desenvolvidos por pesquisadores de Minas Gerais (Conceição *et al.*, 2009), Paraná (Liccardo, Sobanski & Chodur, 2004; Liccardo & Cava, 2006; Liccardo, 2007; Liccardo & Piekarcz, 2008; Liccardo, Vasconcellos & Chmyz, 2008), Rio Grande do Sul (Philipp & Benedetti, 2007), São Paulo (Stern, Riccomini, Fambrini & Chamani, 2006). Del Lama, Bacci, Martins, Garcia & Dehira (2015) destaca, portanto, a expansão desse tipo de visita e suscita o potencial dessa atividade, desde que bem planejada, em destacar os elementos da geodiversidade e seus valores, podendo contribuir para a sua conservação.

Os principais atrativos do Geoturismo são de base abiótica, mas há uma grande quantidade de estudos (Robinson, 1998; Brilha, 2005; Reynard, 2008; Rodrigues & Pereira, 2009; Manosso, 2007; Gray, 2011; Lopes, Araújo & Castro, 2011; Dowling, 2011) que chamam a atenção para a importância de implementá-lo em interface a outros segmentos, proporcionando aos turistas uma visão integrada da paisagem e, dessa forma,

mais enriquecedora, na qual todos os aspectos, bióticos e abióticos, se relacionam e merecem igual reconhecimento por parte da sociedade.

Um destino torna-se mais rico “quanto mais variadas forem as ofertas, mesmo quando se trata de um segmento turístico especializado, como o geoturismo. Um local com um rico patrimônio geológico tem que juntar as valências das abordagens histórica, cultural e natural (biológica e geológica)” (Rodrigues, 2008, p. 44).

### 3.3 Geoturismo e Ecoturismo: compreendendo os conceitos

O Geoturismo tem uma história e uma justificativa para a sua criação, mas será que é possível concebê-lo como um segmento turístico? No mundo acadêmico há aqueles que o consideram como um segmento independente, outros que o encaram como um subsegmento do ecoturismo e, ainda, aqueles que não o consideram como um segmento, apenas uma prática que vem ocorrendo em algumas partes do globo terrestre.

A reflexão sobre essa temática da segmentação assenta-se em duas perspectivas, uma de análise dos inventários de oferta e demanda e outra do entendimento do que vem a ser o ecoturismo ou Geoturismo, por exemplo. Tendo em vista que a segmentação leva em consideração, entre outros, os resultados dos inventários turísticos sobre a oferta e demanda turísticas é possível chegar a resultados distintos, uma vez que esses elementos variam no espaço geográfico.

Entende-se que o Geoturismo não é um subsegmento do ecoturismo e tal conclusão se pauta, principalmente, na análise de dois elementos comparativos: área de ocorrência e objetivos de cada um deles.

*I- Área de ocorrência:* o ecoturismo é um segmento do turismo de base natural, ou seja, que tem o ambiente natural como matéria-prima. O Geoturismo, ao contrário, não precisa necessariamente ocorrer em áreas naturais (seja urbanas ou rurais), podendo ser realizado em áreas construídas, por exemplo, em praças de grandes centros urbanos onde seus monumentos e pisos, na figura das rochas que os ornamentam, contam uma história geológica, mesmo que fora de sua área de ocorrência (Mourão, 2004; Silva, 2007; Ramos & Oliveira, 2008; Liccardo, Mantesso-Neto & Piekartz, 2012).

*II- Objetivos:* tanto o Geoturismo como o ecoturismo apresentam objetivos em comum: a conservação e a formação de uma “consciência ambiental”, usando a interpretação como uma das ferramentas para se atingir este fim (Rodrigues, 2003; Fennel, 2002; Nascimento, Ruchkys & Mantesso-Neto, 2007; Luz & Moreira, 2010; Robinson, 1998; Hose, 2011; Dias, Brilha, Alves, Pereira, Ferreira, Meireles, Pereira & Simões, 2003; Folmann, Pinto & Guimarães, 2010; Moreira, 2012; Machado, 2008; Pacheco, 2012; Oliveira, 2010; Fonseca, 2010; Ikemoto, 2008; Serrano, 2000; Ministério do Turismo, 2010).

A única particularidade refere-se ao alvo desse objetivo. Nas definições de ecoturismo, o patrimônio natural é citado, mas na realidade já se comprovou que seu foco acaba sendo a biodiversidade, em detrimento da geodiversidade (Rocha, 2007; Brilha, 2005; Araújo, 2005; Moreira, 2008; Nascimento, Schobbenharus & Medina, 2008; Martínez, Guillén-Mondéjar, Perrelló & Bové, 2008). Esta última, quando usada, é apenas na ótica da contemplação da paisagem. Inclusive, muitos cursos de capacitação voltados a

guias e monitores ambientais de unidades de conservação têm sido formatados, apenas recentemente, com a inclusão de temas relacionados à geodiversidade e o Geoturismo (Moreira & Bigarella, 2009; Ruchkys & Machado, 2012; Moreira, 2012; Gonçalves, Campos, Romano, Nakamura, França & Bortolazzo, 20--?).

O Geoturismo vem, portanto, tentar suprir uma lacuna deixada pelo ecoturismo, direcionando o olhar dos turistas para a vertente abiótica da natureza, fazendo-os compreender que ela também é importante e merece ser conservada e compreendida. Até porque, é a geodiversidade o palco para a biodiversidade e a responsável em grande parte por sua riqueza por meio da variedade de minerais, rochas, fósseis, solos e relevos existentes, por exemplo, gerando, assim, uma gama variada de paisagens.

Salienta-se que o Geoturismo pode e deve ser implantado de forma a ser usufruído concomitantemente a outros segmentos, bem como tem seus principais atrativos, ligados a geodiversidade, usados por outros segmentos como o turismo cultural, ecoturismo e o turismo de aventura (Figura 1).

**Figura 1.** Relações entre o Geoturismo e outros segmentos turísticos



Fonte: Adaptado de Dowling, 2010.



### 3.4 Produto geoturístico

O incentivo ao geoturismo deve levar em conta não apenas a existência de atrativos de base abiótica, ou seja, de potencial geoturístico, mas também de aspectos inerentes à atividade turística, tais como a existência de infraestrutura turística e aparato legal, com vistas ao desenvolvimento<sup>7</sup> sustentável<sup>8</sup> do mesmo (Meléndez, Fermeli, Escorihuela, Basso & Moreira, 2011).

Analisando as definições de geoturismo, perpassa a ideia central de que o seu enfoque é direcionado para a aquisição de conhecimento ou aprendizagem sobre os recursos geológicos, preenchendo a lacuna que se verificava da falta de comunicação entre a comunidade dos cientistas da terra com o público leigo. Deste modo, espera-se que o turista, para além da mera apreciação estética, possa adquirir algum conhecimento sobre os fenômenos que visita [...] (Coutinho, Urano, Mate & Nascimento, 2019, p. 764).

Dowling (2011), por sua vez, o subdivide em três sistemas: formas (paisagens, relevo, sedimentos, rochas, fósseis), processos (atividade tectônica, processos vulcânicos, erosão, deposição) e turismo (atrações, acomodações, interpretação, planejamento e administração). Vê-se que o mesmo não fica restrito a abordagem dos potenciais turísticos, mas já pensa em produtos<sup>9</sup> turísticos, evidenciando o fato de o Geoturismo carecer de uma série de serviços e equipamentos que dão suporte à atividade (Figura 2):

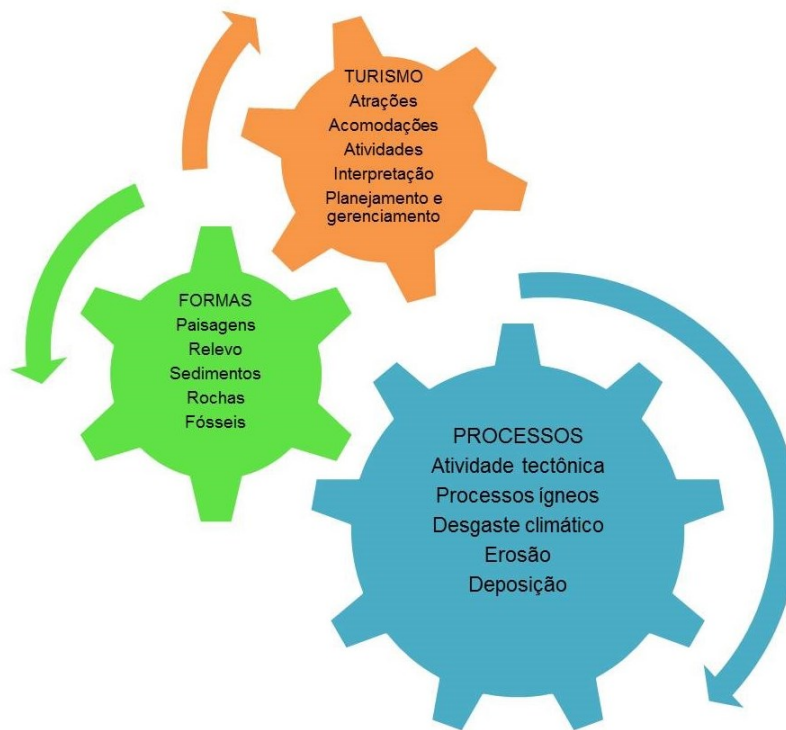
---

<sup>7</sup> O desenvolvimento sustentável não pode ser visto como um estado ideal, senão como um processo de mudança que orienta o desenvolvimento para objetivos alcançáveis. Portanto, um dos seus maiores desafios é o monitoramento constante, para afirmar caminhos mais sustentáveis a partir de um conjunto de medidas, o que se torna um desafio no mundo contemporâneo (Coutinho, Urano, Mate & Nascimento, 2019, p. 766).

<sup>8</sup> A sustentabilidade inclui a discussão da viabilidade econômica, do desenvolvimento social e da geoconservação, tendo como principal desafio o desenvolvimento da atividade turística sem afetar negativamente o ambiente. Os benefícios locais remetem ao envolvimento das comunidades locais em todo o processo, desde a gestão da localidade para o geoturismo até o fornecimento de serviços que promovem a geração de emprego e renda. Este envolvimento não apenas beneficia a comunidade e o meio ambiente, mas impacta na qualidade da experiência turística. E por fim, a satisfação do turista, característica pouco discutida na literatura (Coutinho, Urano, Mate & Nascimento, 2019, p. 765).

<sup>9</sup> [...] a ênfase de estudos tem sido direcionada especificamente a modelos gerenciais voltados à criação de geoprodutos, capacidade de carga, programas educativos de conscientização ambiental para os turistas, parcerias governamentais, entre outros. Deste modo, os benefícios sociais ficam restritos a geração de emprego, renda e desenvolvimento de habilidades, vislumbrando o apoio da comunidade no processo de desenvolvimento. Visão esta ancorada no modelo tradicional [industrial] do turismo, que não promove o empoderamento e autonomia da comunidade local (Coutinho, Urano, Mate & Nascimento, 2019, p. 766).

**Figura 2.** Subsistemas do Geoturismo.



Fonte: Adaptado de Dowling, 2010.

Reynard (2008) também concorda com os autores supracitados ao considerar que o Geoturismo envolve ofertas geoturísticas originais e derivadas. A primeira compreende os geossítios presentes na área e a segunda, envolve uma série de elementos que não só permitem o desenvolvimento da atividade (tais como acomodação e transporte dos turistas) como possibilitam a difusão do conhecimento da geologia e geomorfologia (existência de ferramentas tais como, centros de visitantes, museus, painéis interpretativos, livros e/ou documentos escritos ou digitais).

Destarte, "[...] entende-se que se a ideia é promover a aquisição do conhecimento, está intrínseca a necessidade do fornecimento de estruturas e serviço de interpretação, assim como ocorre em outros segmentos do turismo" (Coutinho, Urano, Mate & Nascimento, 2019, p. 764).

Moreira e Meléndez-Hevia (2012) também reforçam a necessidade de conceber o Geoturismo como uma atividade turística e não mais acadêmica, a mesma carecendo de infraestrutura apropriada e uma linguagem menos técnica e mais agradável e interessante a um público mais leigo nessa área. Tudo isso suscita a necessidade de se conceber o Geoturismo como uma atividade econômica que para funcionar, tal como numa engrenagem, precisa da atuação de diferentes elementos, cada qual com suas especificidades e importância. Considerar o Geoturismo apenas levando em conta o potencial da geodiversidade dos locais pode gerar uma série de problemas, pois não se pode divulgar e comercializar potencial e sim, produtos turísticos.

### 3.5 Tipos de geoturistas

Existem pesquisas que comprovam a existência de uma demanda por esse tipo de turismo em algumas áreas do mundo. Rodrigues (2008) no estudo “Geoturismo – uma abordagem emergente”, apresenta o resultado de duas delas, uma realizada no Reino Unido e outra nos Estados Unidos. Os resultados dessas pesquisas apontam para a existência de duas principais categorias de geoturistas, uma especializada, com turistas que realmente têm sua viagem motivada para o entendimento da geodiversidade, e outra casual, aquela categoria que acaba se interessando por esse conhecimento de maneira integrada com outras características do local, mostrando a importância dos segmentos serem trabalhados em conjunto uns com os outros, potencializando o produto turístico a ser oferecido.

Hose (2000b) também identificou, na Europa, dois tipos de geoturistas, um que ele chama de especializado, que são aqueles que intencionalmente selecionam locais de interesse geológico e geomorfológico com o objetivo de educação pessoal e melhoria intelectual e os geoturistas ocasionais, isto é, aqueles que visitam locais de interesse geológico, porém, o objetivo principal não é o conhecimento, mas o prazer pessoal.

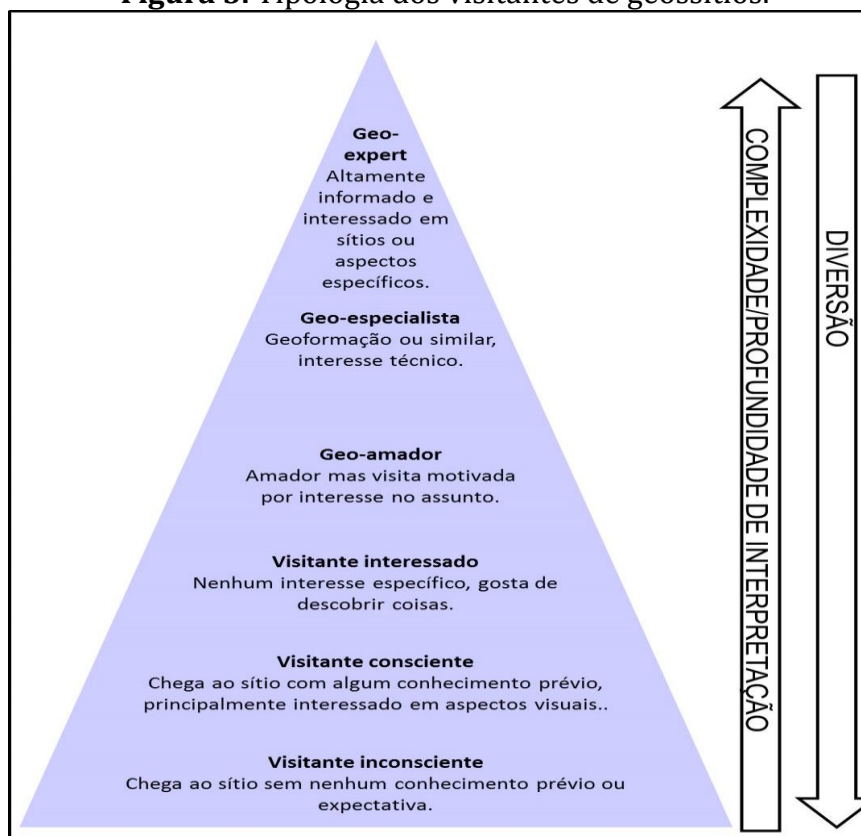
[...] nas diversas definições de geoturismo, que muitos autores apontam o mesmo como essencial para mostrar a relevância da geologia e a necessidade dessa percepção pela população em geral para a sua conservação. Desta forma, o geoturista essencial não é aquele que já possui um envolvimento com a temática, mas sim, aquele que em busca do prazer através da atividade turística adquire conhecimento sobre os aspectos geológicos do local visitado (Coutinho, Urano, Mate & Nascimento, 2019, p. 767-768).

Grant (2010) citado por Dowling (2011) reforça essa concepção sobre o perfil dos geoturistas. Segundo ele, o público geoturista oscila dos inconscientes aos conscientes, ou seja, entre os interessados de fato em conhecer a geodiversidade; aos amadores, aqueles que viajam sem nenhum conhecimento prévio ou expectativa a cerca dessa geodiversidade (Ver Figura 3).

Independente da categoria de geoturista e das especificidades de cada local, o mais sensato seria ofertar um produto turístico aproveitando demais segmentos, pois mais importante do que criar um produto especializado é se atingir o máximo de turistas (sejam eco, geo ou qualquer outra categoria), levando até eles a importância da visão integrada da natureza, destacando essa vertente abiótica da natureza, sensibilizando-os e multiplicando a quantidade de pessoas em prol da sua conservação.



**Figura 3.** Tipologia dos visitantes de geossítios.



Fonte: Adaptado de Dowling, 2010.

No caso do Brasil, por exemplo, ainda não existe um diagnóstico que de fato comprove a demanda pelo Geoturismo, muito menos um inventário completo sobre o potencial da geodiversidade nacional, fato que se deve, entre outros, à grande dimensão territorial desse país. Entretanto, já existem pesquisas científicas e algumas instituições, como a Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP) que buscam impulsionar a identificação, bem como permitir a proteção, divulgação, valorização e o uso de geossítios brasileiros, apontando para o grande potencial para o Geoturismo (Bento, 2014).

Diante dessa realidade, não será tarefa difícil diagnosticar, em futuras pesquisas, a existência de demanda (de brasileiros e estrangeiros), interessados em fazer Geoturismo no Brasil, seja na figura de geoturistas especializados, ou de turistas que almejam ter uma visão integrada da natureza, buscando entender as inter-relações existentes entre os elementos abióticos e bióticos, bem como entre o homem e a natureza.

Urquí, Martinez e Valsero (2007, p. 21) evidenciam a importância de uma visão integrada afirmando que “a tendência atual é analisar o meio natural e seu valor patrimonial de uma perspectiva holística, que se define por focar o estudo dos eventos do ponto de vista das múltiplas interações que os definem”. Até mesmo porque, “a segmentação não tem uma receita certa ou uma única forma. É o resultado de uma combinação de fatores, de análises e de estratégias específicas para cada realidade”

(Brasil, 2010, p. 153) e a nova realidade é o do despertar de uma consciência para a existência e importância da geodiversidade, a qual tem no Geoturismo uma ferramenta para a sua divulgação e valorização.

#### **4 Considerações (não) finais**

Diante do exposto se infere que Geoturismo e o Ecoturismo são, de certa forma, muito semelhantes, podem até se confundir, ter alguns objetivos em comum, mas não podem ser considerados o mesmo segmento. Ao contrário, em muitos aspectos são tão distintos que acabam por se complementar, originando, quando planejados de forma conjunta, uma visão integradora das paisagens, no caso dos ambientes naturais. E, diante do que foi exposto, no que tange a área de ocorrência e objetivos de cada um é possível incluir o Geoturismo como um segmento turístico independente, o qual, inclusive, já está a ser formatado como tal em muitos países onde existem pesquisas que comprovam a sua demanda.

Vale ressaltar que no Brasil o Geoturismo é citado em algumas publicações do Ministério do Turismo, mas ainda não é considerado como um segmento, e sim como uma prática que vem sendo realizada junto a elementos da Geodiversidade, integrada ao Espeleoturismo e Ecoturismo, por exemplo (Brasil, 2010). Provavelmente, a realização de novos inventários turísticos e a continuidade dos estudos acadêmicos nesta temática venham, no futuro, fortalecer a importância e contribuir para a inserção do Geoturismo como novo segmento turístico, o que é fundamental para o seu planejamento e conservação da Geodiversidade.

Conclui-se que, mesmo sendo segmentos turísticos díspares, cada qual com sua relevância e características peculiares, o ideal é que o Geoturismo e o ecoturismo, bem como outros, possam ser ofertados, quando possível, num único produto turístico, oportunizando uma visão holística da realidade, influenciando e sensibilizando um número maior de turistas (independente se são especializados ou não) para a importância de se conservar todo e qualquer tipo de patrimônio.

É válido lembrar que, antes de pensar no Geoturismo como segmento, é necessário pensar na existência de um atrativo a ser divulgado, um produto a ser consumido, um cliente para consumir/comprar este produto e um vendedor (Agência) interessado em promover este atrativo/produto. Para além disso, pode-se afirmar que, no caso do Geoturismo, se existir o geoturista, a Agência que comercialize o atrativo e se o atrativo for a geodiversidade/geopatrimônio, ele poderá - sim, ser considerado como um segmento do turismo.

Por fim, é pertinente afirmar que não era intuito deste trabalho exaurir discussões sobre a temática em tela, mas de compreender se o Geoturismo pode ser considerado um segmento turístico independente ou se é um subsegmento do ecoturismo. Para tanto, foram apresentados alguns conceitos relativos ao processo de segmentação da atividade turística e, ainda, a diferença entre um potencial e um produto turístico. Deste modo, espera-se que pesquisas futuras sejam elaboradas de forma a complementarem o que foi debatido neste artigo, bem como que apliquem a teoria exposta e a comprove através de realidades concretas.

## Referências

- Aguiar, M.R., & Dias, R. (2002) *Fundamentos do Turismo*. Campinas: Alínea.
- Araújo, E.L.S. (2005) *Geoturismo: conceptualização, implementação e exemplo de aplicação ao Vale do Rio Douro no Setor Porto-Pinhão*. 2005. 219 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) – Escola de Ciências, Universidade do Minho, Minho.
- Bento, L.C.M. (2014) *Parque Estadual do Ibitipoca/MG: potencial geoturístico e proposta de leitura do seu geopatrimônio por meio da interpretação ambiental*. 2014. 191 f. Tese (Doutoramento em Ciências Humanas). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.
- Bento, L.C.M. (2010) *Potencial geoturístico das quedas d'água de Indianópolis*. 2010. 150 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Bento, L.C.M. & Rodrigues, S.C. (2014) Geoturismo no Parque Estadual do Ibitipoca/MG (PEI): potencialidades e limitações. *Boletim de Geografia*, Maringá, 32(2), 50-64.
- Bento, L.C.M. & Rodrigues, S.C. (2011) Geodiversidade e Potencial Geoturístico do Salto de Furnas - Indianópolis-MG. *RA'EGA – O Espaço geográfico em Análise*, Curitiba, 21(1), 272-297.
- Botelho, R.G.M. & Silva, A.S. (2004) Bacia hidrográfica e qualidade ambiental. In: Vite, A.C., Guerra, A.J.T. (org.). *Reflexões sobre a Geografia Física no Brasil*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 153-188.
- Brasil. Ministério do Turismo. (2010) *Segmentação do Turismo: Experiências, Tendências e Inovações - Artigos Acadêmicos*. Brasília: Ministério do Turismo.
- Brasil, Ministério do Turismo. (2006) *Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais*. Brasília: Ministério do Turismo.
- Brilha, J. (2005) *Patrimônio geológico e geoconservação – a conservação da natureza na sua vertente geológica*. Braga: Palimage.
- Cachão, M. & Silva, C. M. (2004) Introdução ao Patrimônio Paleontológico Português. Definições e critérios de classificação. *Geonovas*, 18, 13-19.



- Carvalho, H.L. (2010) *Patrimônio Geológico do Centro Histórico de Natal*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN.
- Coutinho, A.C.A., Urano, D.G., Mate, A.J. & Nascimento, M.A.L. (2019). Turismo e geoturismo: uma problemática conceitual. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 11(4), p. 754-772, out-dez, DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v11i4p754>
- Del Lama, E. A., Bacci, D. de L. C., Martins, L., Garcia, M. G. M. & Dehira, L. K. (2015). Urban Geotourism and the Old Centre of São Paulo City, Brazil. *Geoheritage*, 7( 2), 147-164. doi:10.1007/s12371-014-0119-7
- Dias, G., Brilha, J. B., Alves, M. I. C., Pereira, D. I., Ferreira, N., Meireles, C., Pereira, P. & Simões, P. P. (2003) Contribuição para a valorização e divulgação do patrimônio geológico com recurso a painéis interpretativos: exemplos em áreas protegidas do NE de Portugal. *Ciências da Terra*, Lisboa, n. especial, 132-135, 1 CD-ROM. Recuperado em 16 de janeiro, 2020 de <http://hdl.handle.net/1822/1256>.
- Dowling, R.K. (2011) Geotourism's global growth. *Geoheritage*, 3(1), 1-13.
- EMBRATUR. (2008) *Segmentos turísticos*. Brasília: Ministério do Turismo.
- Fennel, D.A. (2002) *Ecoturismo*. São Paulo: Contexto.
- Folmann, A.C., Pinto, M.L.C. & Guimarães, G.B. (2010) Trilhas interpretativas como instrumentos de geoturismo e geoconservação: caso da Trilha do Salto São Jorge, Campos Gerais do Paraná. *GeoUERJ*, Rio de Janeiro, 2(21), 239-267.
- Fonseca, C.O. (2010) *Faces de paisagem: interpretação para valorização do geoturismo no Parque Estadual Serra do Rola Moça - MG*. 2010. 83 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Turismo) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Gonçalves, L., Campos, M.R., Romano, M., Nakamura, N., França, O. & Bortolazzo, R. [20--?]. *Capacitação profissional de guias e monitores ambientais na Pedra do Baú*. [s.l.: s.n.], Recuperado em 16 de janeiro, 2020 de [http://www.unibero.edu.br/download/revistaeletronica/set03\\_Artigos/Pedra%20do%20Bau.pdf](http://www.unibero.edu.br/download/revistaeletronica/set03_Artigos/Pedra%20do%20Bau.pdf).
- Gray, M. (2011) Valuing geodiversity. *Revista Geology today*, 28(1) 167-168, jun. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por liliancmb@yahoo.com.br. em 30 ago. 2012.

- Gray, M. (2005) Geodiversity and Geoconservation: what, why, and how? *Geodiversity & Geoconservation*, 22(3), 4-12. Recuperado em 16 de janeiro, 2020 de <http://www.georgewright.org/223gray.pdf>.
- Hose, T.A. (2011) The english origins of geotourism (as a vehicle for geoconservation and their relevance to current studies). *Acta geographica slovenica*, 51(2), 343-360. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por liliancmb@yahoo.com.br em 30 ago. 2012.
- Hose, T.A. (1997) Geotourism – Selling the earth to Europe. In: Marinos, K., & Stournaras, T. (Eds). *Engineering geology end the Environment*. Balkema, Rotterdam.
- Hose, T.A. (1995) Selling the Story of Britain's Stone. *Environmental Interpretation*, 10(2), 16- 17.
- Hose, T.A. (2000a) European “Geotourism” – geological interpretation and geoconservacion promotion for tourists. In: Barrentino, D., Wimbleton, W.A.P., & Gallego, E. *Geological heritage: its conservation and management*. Madrid: [s.l.], 127-146.
- Hose, T.A. (2000b) Geoturismo europeo. Interpretación geológica y promoción de la conservación geológica para turistas. In: Barretino, D., Winbledon, W. P., & Gallego, E. *Patrimonio geológico: conservación y gestion*. Madrid: ITGE, 137-159.
- Ikemoto, S.M. (2008) *As trilhas interpretativas e sua relevância para promoção da conservação*. Trilha do Jequitibá, Parque Estadual dos Três Picos (PETP), RJ. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Instituto de Geociências, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Kuzmickas, L. & Del-Lama, E.A. (2015) Roteiro Geoturístico pelo Cemitério da Consolação, São Paulo. *Geociências*, São Paulo, 34(1), 41-54.
- Liccardo, A. & Piekarz, G. (2008) *Geoturismo em Curitiba*. Mineropar, Curitiba.
- Liccardo A. (2007) *Geoturismo Brasil*. Recuperado em 16 de janeiro, 2020 de [www.geoturismobrasil.com](http://www.geoturismobrasil.com) ou [www.geotourismbrazil.com](http://www.geotourismbrazil.com)
- Liccardo A. & Cava L. T. (2006) *Minas do Paraná*. Mineropar. Imprensa Oficial do Paraná. Curitiba.
- Liccardo, A., Mantesso-Neto, V. & Piekarz, G.F. (2012) Geoturismo urbano – educação e cultura. *Anuário do Instituto de Geociências*, Rio de Janeiro, 35(1), 133-141.

- Liccardo, A., Sobanski II, A. & Chodur, N. L. (2004) O Paraná na história da mineração no Brasil do século XVII. *Boletim Paranaense de Geociências*, Curitiba, 54, 41-49.
- Liccardo, A., Vasconcellos, E.M.G. & Chmyz, I. (2008) Procedência das rochas nas ruínas São Francisco e calçadas antigas da Praça Tiradentes em Curitiba. 44º Congresso Brasileiro de Geologia, 2008, Curitiba. *Anais do 44º Congresso Brasileiro de Geologia*. São Paulo: Sociedade de Geologia, 1, 405-405.
- Lopes, L.S.O., Araújo, J.L. & Castro, J.F. (2011) Geoturismo: estratégia de geoconservação e de desenvolvimento local. *Caderno de Geografia*, Belo Horizonte, 21(35), 1-11. Recuperado em 16 de janeiro, 2020 de <http://periodicos.pucminas.br.pdf>.
- Luz, F.G. & Moreira, J.C. (2010) Geoturismo aliado a painéis interpretativos: uma proposta para o Buraco do Padre, Ponta Grossa (PR). *Revista Nordestina de Ecoturismo*, Aquidabã, 3(2), 18-30. Recuperado em 16 de janeiro, 2020 de <http://www.arvore.org.br.pdf>.
- Machado, A.C.A.R. (2008) *Ecoturismo na Serra do Caraça: contribuições da interpretação para a conservação ambiental*. 2008. 71 f. Monografia (Bacharelado em Turismo) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Manosso, F.C. (2007) Geoturismo: uma proposta teórico-metodológica a partir de um estudo de caso do município de Apucarana-PR. *Caderno Virtual de Turismo*, 7(2), 47-56. Recuperado em 16 de janeiro, 2020 de <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/download/182/154>
- Martínez, E.D., Guillén-Mondéjar, F., Perrelló, J.M.M. & Bové, S. (2008) La conservación de la naturaleza debe incluir la geodiversidad y el patrimonio geológico como parte del patrimonio natural. *Boletín de la sección del Estado Español de EUROPARC*, Espanha, 25(1), 54-60, mai. Recuperado em 16 de janeiro, 2020 de <http://www.igme.es/internet/patrimonio/descargas/Diaz-Martinez%20al%202008%20-%20BoletinEuropa25.pdf>.
- Meléndez, G., Fermeli, G., Escorihuela, J., Basso, A. & Moreira, J. (2011) What do we mean when we say geotourism? In: Congresso Geotourism In Action, 1, Arouca. *Anais... Arouca*: Arouca, 97-100.
- Moreira, J.C. (2008) *Patrimônio geológico em Unidades de Conservação: atividades interpretativas, educativas e geoturísticas*. 2008. 428 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.



- Moreira, J.C. (2012) Interpretação ambiental, aspectos geológicos e geomorfológicos. *Boletim de Geografia*, Maringá, 30(2) 87-98.
- Moreira, J.C. (2011) *Geoturismo e interpretação ambiental*. Ponta Grossa: Editora da UEPG.
- Moreira, J. C. & Bigarella, J.J. (2008) Interpretação ambiental e geoturismo em Fernando de Noronha. In: CASTILHO, C.J.M. & VIEGAS, J.M. (org.). *Turismo e práticas socioespaciais: múltiplas abordagens e interdisciplinaridades*. Recife: Editora Universitária, 171-191.
- Moreira, J. C. & Meléndez-Hevia, G. (2012) Usando o patrimônio geológico para atrair turistas para o geoturismo no Brasil (Paraná) e Espanha (Aragón). *Geosp*, São Paulo, 32 (1), 123-139.
- Mourão, R.M.F. (2004) Ecoturismo. In: Mourão, R.M.F. (org.). *Manual de melhores práticas para o ecoturismo*. Rio de Janeiro: FUNBIO, ECOBRASIL, 14-25.
- Nascimento, M.A., Ruchys, U.A. & Mantesso-Neto, V. (2007) Geoturismo: um novo segmento do turismo no Brasil. *Global Tourism*, [s.l.], 3(2), nov.
- Nascimento, M.A., Schobbenhaus, C. & Medina, A.I.M. (2009) Patrimônio geológico: turismo sustentável. In: Silva, C. R. (ed.). *Geodiversidade do Brasil – conhecer o passado para entender o presente e prever o futuro*. [S.l]: CPRM, 147-162.
- Oliveira, S.C.C. (2010) *A interpretação ambiental como instrumento de diversificação das atividades recreativas e educativas das Trilhas do Jardim Botânico Benjamim Maranhão (João Pessoa, Paraíba, Brasil)*. 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), [s.l.], Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- OMT. (2018) *Panorama OMT del turismo internacional*. Recuperado em 16 de janeiro, 2020 de <https://www.eunwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419890>.
- OMT. (2014) *Panorama OMT del turismo internacional*. Recuperado em 16 de janeiro, 2020 de <https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284416202>.
- Pacheco, J.L. (2012) *Interpretação do patrimônio geológico: uma aplicação ao Geoparque Arouca*. 2012. 100 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Geológico e Geoconservação) – Escola de Ciências, Universidade do Minho, Minho.
- Ramos, L.M.J. & Oliveira, S.F. (2008) Educação ambiental para o ecoturismo nas unidades de conservação: um nexu ontológico. *Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental*, Rio Grande do Sul, 20(1), 113-128, jan./jun.

- Reynard, E. (2008) Scientific research and tourist promotion of geomorphological heritage. *Geogr. Fis. Dinam. Quat.*, 31(1), 225-230. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por liliancmb@yahoo.com.br em 30 ago. 2012.
- Robinson, E. (1998) Tourism in geological landscapes. *Geology today*, 151-153, jul./ago. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por liliancmb@yahoo.com.br em 30 ago. 2012.
- Robinson, E. (1982) A geological walk around the City of London - royal exchange to Aldgate. *Proceedings on the Geologists' Association*, 93:225-246.
- Robinson, E. & Worssam, B.C. (1989) The geology of some Middlesex churches. *Proc. Geol. Ass.*, 100(4), 595-603.
- Rodrigues, A.B. (org.). (2003) *Ecoturismo no Brasil – possibilidades e limites*. São Paulo: Contexto.
- Rodrigues, J.C. (2008) Geoturismo – uma abordagem emergente. In: Carvalho, C.N. & Jacinto, A. (Ed.). *Geoturismo & desenvolvimento local*. Idanha-a-Nova: [s.l.], 38-58.
- Rodrigues, M. & Pereira, D. (2009) *Patrimônio geológico do Vale do Minho e a sua valorização geoturística*. Braga: Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos, VI(1), 285-290.
- Ruchkys, U. & Machado, M.M.M. (2012) Oficinas de sensibilização para conservação de sítios geológicos do Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais, Brasil. *Terrae Didática*, Campinas, 8(1), 24-33. Recuperado em 16 de janeiro, 2020 de [http://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/TED/article/view/8400/7671](http://http://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/TED/article/view/8400/7671).
- Sampaio, V. (2019) *Turismo está entre as tendências globais de consumo em 2019*. Recuperado em 16 de janeiro, 2020 de <http://www.turismo.gov.br>.
- Serrano, C. (2000) A educação pelas pedras. In: Serrano, C. (org.). *A educação pelas pedras – ecoturismo e educação ambiental*. São Paulo: Chronos, 7-24.
- Silva, F.R. (2007) *A paisagem do Quadrilátero Ferrífero-MG: Potencial para o uso turístico da sua geologia e geomorfologia*. 2007. 144 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Silva, L., Pereira, D. & Torres, M.M. (2009) *Contributo do patrimônio geomorfológico para a oferta turística do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PANC)*. Braga: Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos, VIII(1), 291-294.

Stanley, M. (2000) GEOdiversity. *Earth Heritage*, 14(1), 15-18. Recuperado em 16 de janeiro, 2020 de <http://www.earthheritage.org.uk/ehpdf/EH14-2000.pdf>.

Stern, A.G., Riccomini, C., Fambrini, G.L. & Chamani, M.A.C. (2006) Roteiro geológico pelos edifícios e monumentos históricos do centro da cidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Geociências*, 39(4), 704-711.

Tilden, F. (1957) *Interpreting Our Heritage*. EUA: University of North Carolina Press.

Urquí, L.C., Martinez, J.L. & Valsero, J.J.D. (ed.). (2007) *Patrimonio geológico y geodiversidad: investigación, gestión y relación con los espacios naturales protegidos*. Madrid: Instituto Geológico y Minero de España.

### **GEOTOURISM: A TOURISM SEGMENT?**

**Abstract:** *The main objective of this research was to bring together some works, national and international, that deal with Geotourism so that one could reach a conclusion on the most suitable meaning for that term. Specifically, we sought to: understand about Segmentation of tourism; reflect Geotourism in its historical context; relate the concepts of Geodiversity and Geotourism; understand and differ the approaches directed to the concepts of Ecotourism and Geotourism; score on issues related to geotourism products and types of geotourists. To this end, it was decided to conduct a study with a qualitative approach using a survey and bibliographic analysis of national and international texts. In the end, it can be concluded that, ideally, Geotourism and ecotourism, as well as others, can be offered, when possible, in a single tourist product, providing a holistic view of reality, influencing and sensitizing a greater number of tourists about the relevance and need to conserve each and every type of heritage.*

**Keywords:** *Concepts. Ecotourism. Geotourism. Segmentation. Tourism.*